

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Guilherme Hagale de Queiroz

**ROCK BRASILEIRO 1980: DIFERENÇAS ESTÉTICAS E SUA RELAÇÃO COM ORIGENS SOCIAIS
NA JUVENTUDE BRASILEIRA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Dr. Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Guilherme Hagale de Queiroz, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073097A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso ROCK BRASILEIRO 1980: DIFERENÇAS ESTÉTICAS E SUA RELAÇÃO COM ORIGENS SOCIAIS NA JUVENTUDE BRASILEIRA, desenvolvido durante o período de 14/08/2023 a 20/12/2023 sob a orientação de Leonardo Silva Andrada, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, _____ de _____ de _____.

Guilherme Hagale de Queiroz

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

ROCK BRASILEIRO 1980: DIFERENÇAS ESTÉTICAS E SUA RELAÇÃO COM ORIGENS SOCIAIS NA JUVENTUDE BRASILEIRA

Guilherme Hagale de Queiroz¹

Resumo:

O artigo faz inicialmente uma recapitulação dos eventos importantes que aconteceram durante a década de 1980, construindo dessa forma um panorama geral da sociedade brasileira durante o período, buscando relacionar como estes eventos impactou aquela geração de artistas, mais precisamente os responsáveis pela produção musical do gênero rock, o objetivo central é encontrar elementos que justifiquem a diferenciação existente entre os diferentes artistas, focando principalmente na relação que existe entre indivíduo e trajetória, tomando como ponto de partida a realidade de duas vertentes produzidas durante o período, de um lado está o Rock Brasil, produzido majoritariamente por membros de uma classe mais abastada e com representantes em diversos estados do país, e a vertente do punk, focalizado no estado de São Paulo, que era produzido em sua maioria por membros de classes mais populares. Tomando como base dados coletados em uma pesquisa prosopográfica, que utiliza o conceito de poderes simbólicos de Pierre Bourdieu, relacionando capital social e cultural ao capital econômico.

Palavras Chave: Rock, Brasil, Desigualdade Social, Punk

1- Introdução:

Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia, a maneira como o consumo de entretenimento e cultura alcançou níveis jamais antes vistos, vive-se hoje em uma realidade em que produtos do mercado musical, cinematográfico e televisivo ocorrem simultaneamente em escala global, evidentemente, esse processo não aconteceu do dia para a noite, somente através do desenvolvimento das tecnologias de informação e transporte nos é possível conviver com esta realidade.

Ao falarmos do acima citado mercado musical, hoje os referenciais que medem o sucesso e popularidade, são muito distintos daqueles de décadas anteriores, se antes a vendagem de discos, a execução das faixas nas rádios era o fator determinante para criar na coletividade a ideia de “sucesso”, hoje em dia esses indicadores estão em números de execução em aplicativos de música e até mesmo sites como o youtube em que o clipe dessa mesma faixa é executada à exaustão.

Para compreender o modelo que existe atualmente, se faz necessário regressar um pouco no tempo, para um período em que o mercado musical passa por um processo de sofisticação, dentro de uma lógica de Indústria Cultural (ADORNO, 2002), onde começam a existir grandes festivais musicais como o Live Aid, Rock in Rio, shows em estádios de futebol passam a se tornar corriqueiros, a demanda por abastecer um mercado consumidor cada vez maior e diversificado, apontando também para novas tendências, algo que pode ser evidenciado na criação da MTV (Music Television), um canal criado exclusivamente para este segmento, numa época em que a televisão era indiscutivelmente o meio de comunicação mais influente e poderoso.

Enquanto essas transformações aconteciam no cenário internacional, a década de 1980 para o Brasil foi de uma série de mudanças estruturais, nos campos político, econômico e social, para uma breve recapitulação, se iniciava os primeiros movimentos do processo de fim da ditadura militar, o país viveu a eleição de seu primeiro presidente civil depois de mais de duas décadas, ainda que via voto indireto, além de passar pelo processo de uma nova assembléia constituinte, tudo isso em conjunto com movimentações da sociedade civil em luta pelas diretas já, enquanto atravessava por uma crise econômica com altas taxas de desemprego.

Dentro deste contexto tão conturbado, o mercado cultural brasileiro passou por transformações, principalmente a indústria musical, que viu seu mercado consumidor reduzir, primeiramente porque em momentos de crise econômica, os gastos são priorizados para viveres básicos e não para o lazer, mas também em função de uma juventude que não se conectava com os artistas já consagrados da MPB. A solução encontrada pelas gravadoras, foi de buscar na cena underground algo que se conecta-se com esse novo público, dessa forma fazendo com que o rock recuperasse um certo protagonismo, se tornando assim a trilha sonora desse processo de abertura política que o Brasil passava.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Dr. Leonardo Silva Andrada.

A cena do rock dos anos 1980, era composta por duas vertentes, a primeira que será denominada de Rock Brasil, um movimento descentralizado nacionalmente, com grandes expoentes como Titãs, Barão Vermelho, Legião Urbana e Engenheiros do Hawaii, que foram cooptados pela indústria fonográfica e que tiveram sucesso nacional, e o movimento Punk com seu núcleo forte no estado de São Paulo.

A cena paulista, apresentou interações interessantes da cena underground, na década de 1980, foi fundada uma casa de shows chamada Napalm situada na capital, em dado momento a administração da casa convidou algumas bandas de Brasília para fazerem uma apresentação, mais especificamente as bandas Legião Urbana e Capital Inicial, algo que segundo relatos presentes no documentário, que leva o mesmo nome da casa de show, gerou um certo estranhamento entre o público paulista, pois a sonoridade das bandas era muito diferente do que se estava acostumado, embora fosse rock, era mais pop, menos pesado que o habitual.

O elemento que diferencia essas duas vertentes está vinculado a origem dos integrantes desses artistas, enquanto o primeiro grupo é composto majoritariamente por pessoas de classes sociais mais abastadas, o segundo é composto por indivíduos de camadas mais populares, dito isto, o objetivo deste trabalho é entender como a origem social influencia na produção cultural dessa juventude, em um contexto de uma sociedade desigual como a brasileira.

2- O rock e a Contestação

Se observarmos a produção cultural mundial, existe uma imensidão de gêneros musicais, com mais uma infinidade de variantes, derivações e junções, o próprio rock sozinho possui uma diversidade enorme de subgêneros, porém ele possui uma singularidade, desde seu nascimento ele possui um espírito disruptivo, uma associação a juventude e a rebeldia.

Para compreender como a explosão do rock na cena musical acontece, se faz necessário voltar a década de 1950 nos Estados Unidos, momento este em que uma juventude ansiava por algo novo, uma necessidade de se diferenciar da geração de seus pais, apreciadores do Jazz em sua maioria (Hobsbawm,1990,pg.15), outro fator que influenciou a juventude é justamente com relação a formação das bandas, um grupo de jazz era mais numeroso e com uma variedade instrumentos mais complexos, enquanto o rock era capaz de produzir um som potente com poucos elementos.

Ao longo das décadas que se seguiram, uma relação entre o rock e a contracultura foi ficando cada vez mais estreita, pois muitas vezes a forma de questionamento do status quo, da cultura vigente, da atual conjuntura era feita através do rock ou algum de seus subgêneros, basta pensarmos nos anos 1960 com o movimento hippie com seu mantra da "Paz e Amor", englobando o posicionamento contra a guerra do vietnã, e a prática do amor livre, além de um código de vestimenta muito único e colorido.

Na década seguinte, surge o movimento Punk, mantendo sua tradição como uma força de expressão da juventude, sua história se inicia no final dos anos de 1970, ganhando notoriedade na Inglaterra, unindo uma atitude raivosa e de revolta com o mundo, a um código de vestimenta único para a época, não apenas nas roupas mas também nos penteados exóticos, com uma sonoridade muito crua, de poucos acordes, com músicas que tinham duração com algo em torno de dois minutos, com uma filosofia do "faça você mesmo" (do it yourself), em que o indivíduo poderia ter uma banda, mesmo sem saber tocar nenhum instrumento, uma oposição total ao rock progressivo, em alta na época, que tinha instrumentação super elaborada, com muita experimentação musical e discos com faixas na casa entre cinco e oito minutos.

Essa diferenciação nas vestimentas, construiu um estigma na juventude punk, de serem tratados como delinquentes, ou seja, o movimento punk se tornou algo marginalizado nos meios urbanos, não somente pelo visual agressivo, mas por propagar ideias nihilistas, contrárias às formas de governo, basta observar as músicas do álbum mais influente do gênero, o disco "Nevermind the Bollocks" da banda Sex Pistols, com faixas que pregavam a anarquia e uma desilusão com o futuro do mundo.

Dentro deste contexto, ainda no final da década de 1970 surgiu uma versão do punk que era "palatável" para o mercado, surgindo assim o movimento "Pós Punk" ou "New Wave" que era uma expressão mais comercial do gênero, com influências do pop e do movimento disco, descaracterizando o rock como uma força de contestação nos anos que se seguiram.

Parte 2.1- O rock e o Brasil

O rock chega ao Brasil na década de 1960, se misturando a ritmos locais, temos como dois grandes expoentes na época o movimento da Jovem Guarda, com influências como o rock da década anterior, participavam de um programa de TV musical, que contava com nomes como Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, influenciando a juventude não somente musicalmente, mas também nas vestimentas.

Outro movimento que surge nesta mesma época foi a Tropicália, que foi um movimento cultural que não se restringiu apenas a música, possuindo como influências uma junção de gêneros brasileiros, como o caipira, o baião e a própria MPB com o Rock e a psicodelia do movimento hippie, criando assim uma estética única, grandes nomes da música brasileira como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e os Mutantes são associados a este movimento.

Os dois movimentos eram contemporâneos entre si, ambos atravessaram um momento conturbado da história brasileira, que foi a instauração da ditadura cívico militar em 1964, este evento impactou profundamente a produção cultural nacional, principalmente em função da censura política, resultando em atrasos na produção de novos discos, pois uma música censurada precisava ser alterada ou retirada, somados ainda a uma perseguição a artistas, levando alguns até o exílio.

O ressurgimento do rock como protagonista na produção musical brasileira, ocorre em meio ao alinhamento de alguns fatores, o primeiro deles é uma mudança das diretrizes das gravadoras nacionais, que viram uma oportunidade de mercado inexplorado no Brasil e passaram a seguir a tendência mundial do rock que estava em alta, somados a crise econômica que como dito anteriormente, afetava a venda dos discos.

Existe um debate sobre o impacto da censura na produção musical (DIAS), evidência de um debate de um lado existem autores, que defendem que a ação da censura:

“Impediu que a expansão do mercado de discos ocorresse em benefício imediato da música popular brasileira, e ao mesmo tempo criou condições para que as grandes empresas multinacionais do setor ou as representantes estabelecidas no país respondessem a esse mercado em expansão com um número crescente de lançamentos estrangeiros” (MORELLI apud DIAS, 2008, p.61)

Enquanto para outros autores como, a ação da censura não passou de um chamariz, que nada mais fazia do que tornar o artista em uma espécie de “mártir” algo que era capitalizado depois pelas gravadoras (PAIANO, 1994), embora afetasse os artistas, as gravadoras em si não sentiam qualquer perda econômica com isso, um grande exemplo disso é a música “Cálice” de Chico Buarque, que deveria ter sido lançada em 1973, mas acabou apenas sendo liberada em 1978, batendo recordes de execução nas rádios e na TV (TOSTA, 2008, pg.62), embora devido ao atraso entre sua concepção e lançamento tenha perdido parte de sua força e contexto na mensagem.

Vale ressaltar, que por mais que chegasse ao mercado consumidor brasileiro uma produção internacional, o tempo entre o lançamento em seu local de origem e a chegada ao público do Brasil possuía uma disparidade grande, e por se tratarem de produtos importados, possuíam um elevado custo para comprador final, criando uma situação em que para ter contato com as novidades, o único caminho possível era através dos meios de comunicação de massa da época, no caso o rádio e a TV, ou seja, o pouco que poderia chegar ainda passava pelo filtro da grande mídia, que por sua vez também enfrentava a censura.

Essa desigualdade no acesso à cultura, possui uma ligação direta com a produção do rock brasileiro, não apenas na sonoridade das bandas, mas principalmente nas letras e formas que as músicas produzidas possuem, ligadas diretamente ao cenário e a vivência dos indivíduos, algo que pode ser explicado pelas duas vertentes presentes na cena do rock brasileiro, o chamado Rock Brasil e o Punk Paulista.

2.3- A Relação entre os capitais simbólicos

A pesquisa prosopográfica do pesquisador Tiago Barros de Oliveira Rosa(2021), utilizou como ponto de análise metodológica, os conceitos de Pierre Bourdieu, de poder simbólico, mas especificamente os conceitos de capital cultural, social e econômico, nesta parte da análise se faz necessário nos atentar diretamente a isso.

Primeiramente, se faz necessário explicar de maneira breve o que caracteriza e como os mesmos se relacionam, começando pelo capital cultural, que de maneira resumida, pode ser entendido como a relação do indivíduo e todo o conhecimento que o mesmo possui, o exemplo clássico disso está na sala de aula, existe uma diferença hierárquica na relação professor-aluno, pois o primeiro possui um grau de conhecimento maior e mais avançado que o segundo, portanto perante a sociedade, ele é aceito e respeitado por seus pares devido a este capital que possui.

Ao falar sobre capital econômico, ele está atrelado basicamente ao seu poder, e como o mesmo pode ser demonstrado, por assim dizer, por exemplo o fato de um indivíduo possuir um relógio caro, não é apenas a ação de esbanjar dinheiro com algo supérfluo, este ato de certa maneira constrói uma ideia de que aquele indivíduo é capaz de entrar em espaços que antes não teria o acesso, algo que dentro de uma sociedade capitalista como no tempo presente, se torna plenamente possível, entretanto o fato de possuir esse capital econômico não se converte necessariamente em aceitação por seus pares, criando a situação de um certo preconceito com os “novos ricos”, pois embora tenham dinheiro, não possuem a mesma “Classe”, termo aqui usado não para designar ordenamento social, mas como adjetivo.

Finalmente chegamos ao capital social que é o de mais fácil compreensão, pois se trata da rede de contatos que cada indivíduo possui, independente de como essa rede é construída, pode ser por laços familiares, trabalhar num mesmo espaço, de maneira geral, ele exalta a importância de espaços de socialização para que o network possa acontecer, evidentemente, ter acesso a um número maior de lugares permite com que essa rede se torne mais extensa e complexa.

2.4- O Rock Brasil

Muito embora, ambas as cenas tivessem convivido no cenário underground,convivendo em espaços semelhantes as duas roupagens são bem diferentes, não apenas pela música produzida, mas também por tocarem e se apresentarem nos mesmos espaços, que eram poucos. Para entender na prática como essas diferenças estéticas se aplicam na produção musical,primeiramente se faz necessário explicar o que diferencia estes dois movimentos, começando pelo Rock Brasil.

Esta vertente do movimento musical era descentralizada, ou seja, ela ocorreu em diferentes estados, com maior número de expoentes no eixo RJ-SP-Brasília e algumas bandas do RS, com seu maior expoente no grupo Engenheiros do Hawaii, o que todas elas têm em comum é o fato de terem sido cooptadas pelas gravadoras e alcançaram o mercado nacional, algo que influenciou fortemente na produção de suas músicas, que adotaram gradativamente uma via mais pop e comercial, tendo muitas vezes algumas faixas escolhidas para trilhas sonoras em novelas e programas de TV.

Tomando como base os dados levantados pelo pesquisador Tiago Barros de Oliveira Rosa, que através de sua pesquisa produziu uma biografia coletiva dos músicos associados ao Rock Brasil, o intuito de sua pesquisa era observar de que maneira os poderes simbólicos (BOURDIEU,1989), mais precisamente o capital cultural e social, foram decisivos para que estes agentes culturais chegassem ao sucesso, cujo resultado encontrado foi de eu em sua maioria:

“eram homens, brancos, do sudeste do país, cujos pais possuíam alto capital econômico e social; passaram por escolas de renomes e tiveram circulação internacional, em um momento que viagens ao exterior era um marcador de classe alta. “ (ROSA, pg 20)

Ao observar esse perfil, é correto afirmar que a experiência de vida desses indivíduos foi muito diferente da maior parte da população brasileira, podendo até ser apontado como um movimento de indivíduos de uma elite econômica, ou seja, com uma percepção da realidade muito diferente, algo que pode até mesmo ser percebido na forma de suas letras, mais poéticas e harmoniosas.

Para exemplificar esse perfil, cabe aqui utilizar dois artistas que preenchem todos os quesitos deste perfil, primeiramente, se pode começar com a trajetória de Renato Russo, filho de um pai funcionário público do Banco do Brasil, se mudou ainda com 8 anos de idade para Nova York, ao voltar ao Brasil, se fixou em

Brasília, cursou jornalismo da UNB, fundou a banda, Aborto Elétrico, em 1978, juntamente com os irmãos Flávio e Fê Lemos (que posteriormente fundaram a banda Capital Inicial), para somente depois fundar a Legião Urbana em 1982.

Um ponto que precisa ser ressaltado é a formação da primeira banda de Renato Russo, o Aborto Elétrico, por se tratar de uma banda Punk, nascida enquanto o movimento estava em seu auge, algo que se fez possível devido a facilidade na obtenção mais rápida de discos vindos do exterior, assim como ao contato que os irmãos Lemos (Flávio e Fê) tiveram por terem morado na Inglaterra em 1977, experienciando essas novidades em tempo real, entretanto ao envelhecerem e conhecerem novas referências, alteraram seu estilo, ao se separarem, acabaram fundando novas bandas (Legião Urbana e Capital Inicial) com uma sonoridade mais pop, típica do movimento pós punk.

Caminhando agora para o segundo exemplo, o cantor e compositor Cazuza, filho do produtor musical João Araújo, presidente da Polygram e fundador da gravadora Som Livre (1969), conviveu com diversos nomes da música brasileira que frequentavam sua casa, estudou fotografia na Berkeley, uma universidade americana, foi um dos fundadores junto com Roberto Frejat (filho de deputado) do grupo Barão Vermelho. A primeira música da banda a estourar nas paradas foi "Pro dia nascer feliz", através de uma regravação feita por Ney Matogrosso, músico já consagrado no cenário brasileiro e que era amigo pessoal de Cazuza, um dos compositores da música.

Através destes breves resumos, fica evidente que esses músicos não tiveram uma vivência "comum", se comparada a grande maioria da população brasileira, algo que de maneira alguma, invalida as contribuições e ou diminui a importância de suas obras para a cultura brasileira, este trabalho apenas busca chamar a atenção de como a biografia dos mesmos foi decisiva em não apenas moldar, como também em diversificar a obra destes artistas.

2.5 Os Punks Paulistas:

Como explicado anteriormente, existiu em um primeiro momento algumas bandas punks em Brasília, algo que ocorreu em função da possibilidade de contato com as novidades de maneira mais acelerada. Algo que apenas em um contexto de uma juventude mais abastada e com contatos no exterior poderia ter, entretanto, o movimento punk em si, com uma amplitude maior de bandas e pessoas que se identificavam como tal, só vem a acontecer no Brasil alguns anos depois com seu núcleo irradiador no estado de São Paulo, mais precisamente na capital e na região do ABC paulista.

O encontro entre a juventude urbana da cidade grande e o punk, foi mais que a vontade de fazer música, ela se tornou uma forma de identificação, uma forma de luta contra a repressão, pois os jovens de São Paulo eram marginalizados, oprimidos, com oportunidades de trabalho muito escassas e quando existiam eram mal remuneradas.

Por possuírem uma identidade visual única, e devido às imagens que vinham do exterior, não demorou muito para os jovens que se identificavam com o movimento serem chamados de vândalos, arruaceiros, uma passagem ilustra isso muito bem

"Com suas falas, gestos, maneiras peculiares de vestimenta e comportamentos em boa parte das vezes provocativos, os punks reproduziram no local uma parcela de suas experiências da vida nos subúrbios e periferias da cidade. Localidades bastante carentes de investimentos em infraestrutura urbanística e que, em sua maior parte, possuíam oferta escassa de espaços adequados para os lazeres e as sociabilidades de seus moradores." (SILVA, pg 82)

O local em questão citado no trecho acima, se refere a um evento idealizado para unir as diferentes gangues da capital e do ABC, um festival com duração de dois dias chamado "O Começo do Fim do Mundo", que foi organizado pelos Punks em 1982 no Sesc Pompéia, em São Paulo, acabou por gerar um misto de sentimentos entre os moradores do bairro, uma curiosidade pelo visual diferente, mas também associado a um medo.

O primeiro dia acabou com tranquilidade, já o segundo, através de uma confusão de trânsito que acabou por sair do controle culminou em brigas e na presença policial chamada pelos moradores da vizinhança. De uma maneira geral, eram raros os espaços para que as bandas se apresentassem, até mesmo o Napalm, uma casa de show idealizada para ser punk, acabou por barrar a presença dos mesmos devido a incidentes de briga e destruição dentro do estabelecimento.

No documentário Botinada - a História do Punk rock, conta através de entrevistas com integrantes do movimento as histórias das primeiras bandas, sendo perceptível como era difícil para essa juventude fazer música, primeiramente a dificuldade na aquisição de discos, que custavam muitas vezes o valor do salário do mês, em uma realidade de jovens que trabalhavam muitas vezes como office boys mal remunerados, quando se conseguia algo era através de regravações caseiras usando fitas cassete.

Recuperando o estudo de Tiago Barros de Oliveira Rosa, coletou dados do músico Clemente que foi e ainda é muito importante da cena punk brasileira ele é o líder, baixista, vocalista e compositor da banda Inocentes:

“que é negro; é um dos únicos cuja origem social é popular. Morador de um bairro periférico paulistano, seu pai vendia guarda chuvas na Praça da Sé e sua mãe trabalhava como empregada doméstica.” (ROSA,pg 14)

Observa-se que suas características se mostram como a antítese de toda a juventude do Rock Brasil, pois o punk ganhou a força e o tamanho que teve na cidade de São Paulo, porque encontrou ali um ambiente propício, pessoas que sentiam na pele a repressão do estado militarista, ainda muito atuante, usando isso como inspiração em muitas de suas letras.

2.6-Analisando algumas produções:

Agora que as duas vertentes foram devidamente explicadas, segue-se agora para a análise de parte de sua produção musical, para exemplificar o movimento do Rock Brasil, foi escolhido um trecho de uma música do primeiro álbum da banda Legião Urbana:

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês
Nos empurraram com os enlatados
Dos U.S.A., de nove às seis
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola

(Legião Urbana. Geração Coca-cola.Rio de Janeiro:EMI-Odeon, 1985)

Ao observar as mensagens presentes nesse pequeno trecho, denota-se uma percepção de mundo bem ampla, no sentido de associar a importação de costumes e valores estrangeiros, afinal de contas os termos “enlatados” americanos não está se referindo de maneira alguma a produtos alimentícios, e sim a produtos culturais, seriam séries americanas do estilo sitcom(referência), sendo assim uma problematização sobre a influência da cultura estrangeira na realidade brasileira, logo em seguida uma crítica a indústria alimentícia e uma atitude de revolta, uma ideia de que somos mais do que isso, agindo de forma a se vingar de tudo que fizeram conosco, transformando em armas contra aqueles que estão no poder.

Ao falar dessa maneira, se torna perceptível que o compositor dessa canção, o músico Renato Russo, consegue ter essa percepção e eloquência ao tecer uma crítica tão extensa com tão poucas palavras, devido a capacidade de articulação adquirida ao longo da sua trajetória, pois como dito anteriormente em sua breve biografia, pode-se associar essa visão ao seu período vivendo nos Estados Unidos.

Passemos agora a vertente do punk, onde foi selecionada uma música que também pertence a um disco de estréia, o da banda Inocentes:

Acorda cedo para ir trabalhar
O relógio de ponto a lhe observar
No lar esposa e filhos a lhe esperar
Sua cabeça dói, um dia vai estourar, com essa
Rotina (Rotina!) (x4)
Sua cabeça dói, não consegue pensar
As quatro paredes a lhe massacrar
Daria tudo pra ver o que acontece lá fora
Mesmo sabendo que não iria suportar essa
Rotina (Rotina!) (x4)
Até quando ele vai aguentar?
(Inocentes. Rotina, São Paulo: Mosh 1985)

Neste trecho da música, trata-se do retrato da rotina de um trabalhador brasileiro comum, que acorda cedo, tem contas para pagar, tem mulher e filhos que dependem dele para seu sustento, mas que ao mesmo tempo também é um questionamento sobre o aprisionamento do cotidiano da vida, onde muitas vezes o indivíduo se vê forçado a abandonar a sua liberdade e nos tornamos uma parte da grande máquina que é o sistema capitalista. A estrutura do trecho em questão, apresenta uma linguagem mais simples e direta sobre a realidade que ela busca abordar, algo que de maneira alguma diminui seu valor reflexivo.

Se faz perceptível, que essas duas músicas questionam estruturas sociais, no exemplo do Rock Brasil, se torna evidente que a ideia aqui é questionar o controle de pensamento dos indivíduos, exercido pela própria indústria cultural, enquanto na música do movimento Punk, sugere um questionamento mais mundano, de algo mais facilmente compreensível, pois é uma questão cotidiana para a maioria da população.

Novamente, volta-se as mesmas bandas, para demonstrar não apenas a estética, mas também o conteúdo das mensagens, utilizando um clássico da Legião Urbana:

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse? (x3)
No Amazonas, no Araguaia-ia-ia
Na Baixada Fluminense
Mato Grosso, nas Geraes
E no Nordeste tudo em paz
Na morte, eu descanso
Mas o sangue anda solto
Manchando os papéis
Documentos fiéis
Ao descanso do patrão

(Legião Urbana. Que País é este?. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1987)

A mensagem presente no trecho desta música, é claramente uma crítica a hipocrisia brasileira, denunciando um completo descaso com a nossa constituição, o que já demonstra uma incongruência na população como um todo, afinal ela foi elaborada por nós mesmos através de nossos representantes na assembléia constituinte, mas ainda assim acredita-se na utopia de que a nação tem um futuro. A mensagem que Renato Russo apresenta nessa composição, pode ser interpretada como uma denúncia, mas ao mesmo tempo como se fosse o seu desejo do mesmo de dizer “Gente!!! Tá tudo errado!!!”, podendo ser encarada até mesmo uma denuncia ao nosso estado que prioriza mais o capital do que a vida humana.

Para comparar, parte-se agora para uma música com temática parecida, que pode ser considerada até mesmo com o mesmo objetivo, novamente uma música da banda Inocentes:

Pátria Amada, é pra você esta canção
Desesperada, canção de desilusão
Não há mais nada entre eu e você
Eu fui traído e não fiz por merecer
Pátria Amada, cantei hinos em seu louvor
Mas tudo o que fiz de nada adiantou

Na boca amarga ainda resta esse refrão
Que diz pra morrer por ti e não importa a
razão
Pátria Amada, como pude acreditar
Em palavras vazias e promessas soltas no ar
Pátria Amada, você me decepcionou
Quando eu lhe pedi justiça você me negou
Pátria amada!
Pátria Amada, de quem você é afinal
É do povo nas ruas ? Ou do Congresso
Nacional
Pátria Amada, idolatrada, salve, salve-se quem
puder!

(Inocentes. Pátria Amada, São Paulo: Thurbo music 1985)

A presente música apresenta todos os elementos da estética punk, letras com um linguajar simples e de curta duração, se faz perceptível que muito embora “Pátria Amada” seja uma música que também fala sobre uma percepção de Brasil, é fácil então perceber que o sentimento que ela evoca é muito diferente. Percebemos aqui um sentimento de decepção, mas principalmente de traição, quase como se fosse uma conversa entre um casal questionando o fim de um relacionamento, onde uma parte saiu claramente prejudicada, que pode ser indicada na canção como o cidadão brasileiro.

De certa forma, se torna correto afirmar que as duas músicas “Que país é esse?” e “Pátria Amada”, possuem um mesmo objetivo, gerar no ouvinte um certo desconforto, se questionar sobre a situação do país, mas buscando evocar diferentes sentimentos com relação ao mesmo assunto.

3 - Considerações Finais:

De uma maneira geral, conclui-se que a produção musical de ambas as vertentes do Rock Brasileiro produzidas durante a década de 1980, sofreram influência direta do contexto em que estavam inseridas. Se olharmos especificamente a produção do Rock Brasil, algumas características são visíveis, existe uma maior variabilidade na temática das músicas, com músicas românticas e músicas de protesto, mas principalmente apresentam uma linguagem um pouco mais rebuscada, podendo ser associada primordialmente a dois fatores, o primeiro deles é a biografia desses artistas, que como exemplificado ao longo do texto, era diferente da grande maioria da população. O segundo fator que pode ser apontado como responsável por essa erudição, é a ação das gravadoras, pois é possível traçar um paralelo entre a estética do Rock Brasil de alguns nomes da MPB, talvez numa ideia de que o público já estaria “acostumado” com esse linguajar.

Quando observada a produção do Punk Paulista, visualizamos justamente o contrário, claramente existe uma escolha simples na escolha de palavras, com mensagens bem mais diretas, que podem estar associado a ausência de um capital cultural tão extenso quanto das classes mais abastadas, somados a ausência da ação das grandes gravadoras, afinal de contas grande parte da cena punk se manteve na cena underground com discos sendo produzidos em pequenos estúdios independentes, tirando dessa forma um direcionamento mais mercadológico.

O que se torna inegável, é que independente da vertente musical, o papel do rock durante a década de 1980, que foi tão conturbada, teve extrema importância para uma juventude que era considerada alienada, e que viu em sua produção musical uma forma de construção de uma identidade.

Um ponto citado, mas não aprofundado neste trabalho, foi a criação da MTV (Music Television) durante a década de 1980 nos EUA, mas que só passa a ter uma filial no Brasil no final de 1990, que acabou por se tornar um portal informativo da juventude nos anos que se seguiram, a sua inauguração até o encerramento de suas atividades, com contribuições em alguns projetos, como o lançamento de discos acústicos e ao vivo de bandas antigas fazendo assim um resgate para as novas gerações, abrindo dessa maneira uma brecha para um estudo sobre sua importância como portal de acesso a informações sobre o mercado musical não apenas nacional, como internacional na sociedade brasileira.

O presente trabalho buscou abrir portas para entender a relação entre biografia e produção musical, podendo ter sua metodologia utilizada para pesquisas em outros produtos culturais, como cinema ou a literatura, ou até mesmo tomando como base em diferentes recortes temporais, podendo até mesmo se ampliar para outros gêneros musicais.

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DIAS, Márcia Tosta. Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura. 2. ed. **São Paulo: Boitempo**, 2008.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: **Paz e Terra**, 2002. 364p

HOBSBAWM, Eric J. História social do jazz. 1. ed. Rio de Janeiro: **Paz e terra**, 1990. 316 p.

JARDIM, M. A. C. ; ROSA, Tiago Barros . O rock brasileiro dos anos 1980: qual o perfil social dos roqueiros incorporados pela indústria da música?. **SINAIS** (UFES), v. 1, p. 3-25, 2021.

SILVA, A. A.. Espaços de rebeldia: o punk na cidade de São Paulo (1982). In: 1º Colóquio internacional de História cultural da cidade - Sandra Jatahy Pesavento, 2015, Porto Alegre. Anais do 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade - Sandra Jatahy Pesavento. Porto Alegre: Marca Visual; **PROPUR; GT História Cultural RS**, 2015. v. 1. p. 76-92.

Documentarios

BOTINADA (The Rise of Punk Rock in Brazil). Direção: Gastão Moreira. [S. l.]: **Toro Production Company**, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=trlAXkc003k>. Acesso em: 23 nov. 2023.

NAPALM: O Som da Cidade Industrial. Direção: Ricardo Alexandre. Produção: DAVID BARKAN e RICARDO ALEXANDRE. Canal BIS: **TUDO CERTO CONTEÚDO, DIRETÓRIO DE FILMES**, 2012. Disponível em: <https://vimeo.com/60712869>. Acesso em: 15 ago. 2023.